

PRAÇA GILDA DE ABREU

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 1º, Inci-

so XVII

Formada pela praça 4 do Conjunto Habitacio-
nal Lech Walesa (Dic IV.)Situada entre as ruas Bárbara Heliodora e Ma-
ria Dolores

Conjunto Habitacional Lech Walesa (Dic IV)

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito
Jacó Bittar. Projeto de lei nº 141/91. Processo 56.195.

GILDA DE ABREU

Gilda de Abreu nasceu em Paris, França, em 23-setembro-1905. Gilda de Abreu teve esmerada educação, sendo seu pai médico e diplomata, gaúcho de Jaguarão e sua mãe, cantora lírica, paulista de Iguape. Aos quatro anos de idade, veio para o Brasil, indo residir no Rio de Janeiro, onde foi educada e recebeu aulas de música e canto. Moça da alta sociedade, participava de saraus elegantes, de "horas de arte", cantava com bastante requinte vocal trechos de óperas, romanzas, barcarolas, música selecionada. Em 1933, Gilda de Abreu foi convidada a participar da peça "Canção Brasileira", que ficou seis meses em cartaz, fazendo parceria com Vicente Celestino. Nasceu aí um amor, que durante 34 anos, o casal percorreu o Brasil, compondo, interpretando e representando. Gilda de Abreu foi cantora, atriz e diretora de cinema. Em 1936, como protagonista e colaboradora na direção dos quadros musicais do filme "Bonequinha de Sêda", de Oduvaldo Viana, obteve um sucesso extraordinário, passando a ser conhecida, aplaudida e admirada em todo o país. Em 1946, Gilda escreveu o argumento, fez o roteiro e dirigiu o filme "O Ébrio", interpretado por seu marido Vicente Celestino, e que se constituiu no maior êxito do cinema nacional. Em 1947, fez o roteiro e dirigiu "Pinguinho de Gente". Voltou a interpretar um papel importante em "Coração Materno", sendo também autora do argumento, roteiro e direção. Escreveu ainda argumento e roteiro de "Chico Viola não Morreu", uma biografia de Francisco Alves. Também de sua autoria, dirigiu "Mestiça". Sempre viajando pelo Brasil, apresentando-se em shows, em agosto de 1968, Vicente Celestino morreu em seus braços, quando se preparava para fazer a apresentação de "Mande uma Flôr de Saudade", em São Paulo. Gilda e Vicente Celestino foram um casal feliz, que só obtiveram êxitos e fama. Após a morte de seu marido, Gilda de Abreu recolheu-se a suas lembranças, depoimentos ao Museu de Imagem e Som, falecendo no Rio de Janeiro, em 04-junho-1979. Com ela morria a segunda mulher a dirigir um filme no Brasil, uma artista linda, que também foi cantora lírica, romancista, autora e interprete de óperas, que foi amada, admirada em todo o Brasil.

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Waleza (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa suadoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLONIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



PROFESSOR A. L. S. 191/91

GILDA DE ABREU

O

contracanto

de uma

saudade



Gilda de Abreu está com 72 anos. Aparente muito menos. Mulher bonita, de traços suaves, mãos bem tratadas, elegante e de gestos delicados, teve sua vida intimamente ligada a de outro artista, Vicente Celestino, com quem foi casada durante 34 anos.

Gilda de Abreu, atriz de tantas peças e filmes, cantora festejada, vive hoje sozinha, em companhia de duas empregadas; num imenso apartamento no Flamengo. Mulher sensível e carinhosa, ela vê o tempo passar com certa indiferença, desde que em agosto de 1968 Vicente Celestino morreu nos seus braços, num hotel de São Paulo.

Para Gilda de Abreu, o cotidiano é feito de recordações, que ela vai revivendo, como se isso lhe trouxesse forças para continuar vivendo sem o seu marido.

Sexta-feira próxima a Tv Globo transmitirá um Especial sobre a vida e a obra de Vicente Celestino — com narração de Gilda de Abreu.

O apartamento de Gilda de Abreu fica num 13º andar, de frente ao Atêrro do Flamengo. Salas imensas em mármore, móveis pesados e antigos. Logo que se entra, a impressão que se tem é que o tempo parou ali dentro. No canto, um piano, lembrança palpável das carreiras artísticas de Gilda e Vicente Celestino. Num armário todo de vidro, os troféus que Vicente Celestino ganhou como cantor. Fotos de Vicente por todo canto. Na parede, um painel retratando o cantor quando jovem. No jardim de inverno, muitas plantas e dois bustos em bronze: um de dona Nidia, mãe de Gilda, e outro de Vicente Celestino. Por sobre o busto de Vicente, uma roseira natural com uma única rosa, meia desbotada, com cor de saudade. Uma grande sala de jantar, quatro quartos, num dos quais ela guarda dezenas de vestidos que usou nas representações de suas peças. São vestidos suntuosos, feitos especialmente para o palco, para as operetas, que representaram o sucesso da artista Gilda de Abreu.

Gilda tem um rosto bonito, os cabelos, quase totalmente brancos, emoldurando um sorriso de dentes perfeitos. Sobre os olhos, um pouco de sombra verde. Tudo isso, me explica, é porque estão fazendo um filme com ela e um tenor de Belo Horizonte, José Spintto. Este logo aparece, vestido de casaca: vai ser o "partner" de Gilda no filme, um trecho da opereta "A viúva alegre". A equipe se movimenta pela sala, fazendo marcações, testando luzes, ajeitando as máquinas. Gilda de Abreu está contente, como se estivesse se preparando para entrar em cena com o seu parceiro preferido de tantos anos atrás, Vicente Celestino. Avila, famoso em décadas passadas por fotografar artistas, também está presente, documentando tudo.

Enquanto espera que tudo esteja pronto para começar a filmagem, Gilda de Abreu senta numa cadeira de balanço e começa a contar a sua vida.

— Nasci em Paris, há 72 anos, num dia 23 de setembro. Meu pai, diplomata e médico, gaúcho de Jaguarão; minha mãe, paulista de Iguape. A primeira língua que falei foi o francês, e nunca mais consegui me livrar do acentuado. Lá em Paris eu fiquei quatro anos. Mamãe era cantora lírica e fazia espetáculos lá. So vim para o Brasil com quatro anos, indo morar no Rio, na Rua Barão de Itapagipe, na Tijuca, na casa de meus avós. Foi uma infância maravilhosa. Depois, foi a vez dos

estudos. Fui para o Colégio Bennett, em São Paulo, e mamãe, famosa, não voltou a Eu dos meus estudos no Rio. Eu, menina, eu também es com mamãe, que passou para meio Rio de Janeiro época. Fui para o colégio e minha vida se resumia e festas de caridade. Até que estreei no teatro, levada pelo pai do Walter Pinto, visto cantar e me convidar a treinar "Canção brasileira de Luis Iglesias e Miguel S

— E sua família, com

— Nossa mãe! Foi porque naquela época te mal visto, isto é, as pes balhavam no teatro. E faziam oposição. Mas pa tinham morrido e eu es anos. A minha estreia, n Aleluia, foi um impacto. p era muito conceituada e todo o meio artístico elá mas no teatro popular, i estreia elegante porque to estava indo para as fest. passou pelo teatro. A peça so.

Você foi muito com muitos namorados?

— Bem, eu tive morádinhas, flertes, mas atenção a nenhum deles, eu gostava mesmo era de

— E como você conheceu Celestino?

— Eu tinha 14 anos naquele colégio de Petrópolis. Quando vim ao Rio mamãe estava ensaiando com um cantor, já conheci Vicente. Eu não podia entrar, fiquei olhando por uma fre. Achei o rapaz fascinante, não muito alto, cabelos caracolados, uns olhos m: sorria muito pouco. Ele : Mas eu era uma menina de um rapaz de 24. De mod para o colégio, e, só de vez revia o Vicente, sempre em mamãe. O tempo passou para o teatro. Ai eu estav Vicente já com 39. Ma aflita, quando eu me dec carreira, não podia me aos ensaios e então pediu que ficasse perto de mim apoio e me protegendo. E cava perto de mim Sei palavra, mas me olhando o

— E ele não falava nada?

— Não. Vicente so aqueles olhos bonitos pa deus grego. E quando a gi junto e tinha alguma cena tinha que colocar a mão n tura, ele não conseguia nei braço nas minhas costas comecei a reparar nele, na Ele era um homem m muitas lutas, menino pol sapateiro, nascido no Cat senti vontade de protegê-lo

— E como é que o Vicente declarou a você?

— Ele não se declarou quem tomou a iniciativa, estávamos em cena, r uma opereta, e eu fui p coloquei minhas mãos ombro e disse baixinho n "Vicente, sabe que estou com você?" Ele não disse q nem do texto da peça q apresentando. Ficou esta



Faleceu no Rio Gilda de Abreu

04
06
79

SAO PAULO, 6 (AE) — A cantora, atriz e diretora de cinema Gilda de Abreu morreu esta madrugada no Rio de Janeiro, aos 74 anos de idade, vítima de trombose cerebral. Gilda estava internada há um mês, desde que sofreu uma crise hipertensiva ao sair do Maracanazinho, onde assistira ao Bale de Ucrânia.

Gilda de Abreu foi a segunda mulher a dirigir um filme no Brasil (a primeira foi Carmen Santos) foi também cantora lírica, romancista, autora e intérprete de operetas. Ela nasceu a 23 de setembro de 1904, em Paris, filha de um médico gaúcho e uma cantora lírica paulista e tinha quatro anos quando chegou ao Brasil.

Durante 34 anos, Gilda formou com Vicente Celestino o casal mais estável do meio artístico. "Vicente e eu éramos uma só pessoa, lembrou Gilda em seu depoimento no Museu da Imagem e do Som, em 1974". "Antes de sermos marido e mulher, fomos dois grandes amigos. Ele sempre me incentivou muito e eu via nele cinco pessoas numa só: o namorado, o filho, o amigo, o irmão e o pai".

A estréia profissional de Gilda foi em 1933, com a peça "Cessão Brasileira", que ficou seis meses em cartaz e teve a participação de Vicente Celestino na produção. Na época eles namoravam. "Numa das apresentações da peça — contava Gilda — eu, que sempre fui muito audaciosa, procurei por ele e, com os braços no seu ombro, falei que estava começando a gostar muito dele".

EXPERIENCIA CINEMATOGRAFICA

O casamento foi a 25 de setembro de 1933, e à noite os dois se dirigiram ao teatro, onde apresentaram dois espetáculos. Sua primeira experiência cinematográfica foi em 1936, como protagonista e colaboradora na direção dos quadros musicais de "Bonequinha de Seda", de Oduvaldo Vianna. A produção era de Ademar Guerra, e foi nesse filme que Gilda ganhou os maiores aplausos de sua carreira. "Os estudantes interromperam três vezes a apresentação da estréia, com palmas, e quando tudo acabou o projetor começou a me procurar na plateia. Eu já estava andando com Vicente pelo Largo da Carioca, com muito medo do sucesso".

Em 1946 Gilda escreveu Argumento, roteiro e dirigiu "O Ebrio" que, apesar do sucesso, não deu muito lucro. "Foi difícil dirigir Vicente, ele sempre foi uma pessoa muito instável. Depois de prepararmos uma cena durante horas, e quando eu, como todas as dificuldades que uma mulher enfrenta, e com os homens não aceitando muito ser dirigidos por mim, preparava tudo e mandava começar, Vicente não estava mais no lugar. Tinha ido fumar um cigarrinho lá fora".

Em 1947, Gilda fez o roteiro e dirigiu "Pinguinho de Gente". Voltou a interpretar um papel importante em "Coração Materno", sendo também autora do argumento, roteiro e direção. Escreveu ainda argumento e roteiro de "Chico Viola Não Morreu", uma biografia de Francisco Alves: "Sempre gostei mais de cinema que de teatro. A gente com febre escreve com mais facilidade, e foi assim que fiz "Mestiça", romance editado por Vicente, que pagou 20 contos de réis, cansado de procurar um editor para minha novela".

Gilda e Vicente não tiveram filhos: "Os filhos não vieram. Nós sempre gostamos muito de crianças. Imagine um filho da gente, que coisa bonita seria". Vicente Celestino morreu em seus braços, em agosto de 1968, de um edema pulmonar agudo, quando se preparava para fazer o show. "Mande uma flor de saudade", em São Paulo. "Na volta para o Rio de Janeiro, eu estava arrasada, só me lembro que pensava: é a única vez que vejo Vicente em calma, porque está morto".